



SANDRA APARECIDA PAULINO

O COGNITIVO E O AFETIVO PRECISAM ESTAR SEMPRE JUNTOS PARA O SUCESSO DA APRENDIZAGEM.



LANÇAMENTOS



Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

- Aline Lima Carvalho
- Aline Lopes de Sousa Silva
- Ana Kátia de Souza Pessoa
- Bruno Fragoso Watanabe
- Cibele Vieira dos Santos Alves
- Eliane Cristina Bulgan Borges
- Elisângela Oliveira Silva
- Geni Santana Cardoso
- Ilda Helena Domiciano Paukoski
- Ismenia Maria Pires Vaz
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- Maria Dalva Lima de Sousa
- Manuel Francisco da Silva e Delson da Conceição Miguel
- Maria Goreth Bueti Nhuca
- Marilene Pereira da Silva
- Maura Antônia Lima
- Patrícia Herminio da Silva
- Silvana Trindade de Azevedo
- Solange Alves Gomes Zaghi
- Vânia Regina Dias dos Reis Silvas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 33 (out. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

158 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.33>



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda Cleia Teixeira da Silva
Prof. Doutorando Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 98031-7887
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação. É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



Platform & workflow by
OJS / PKP



Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

12 DESTAQUE

PROF^a. SANDRA APARECIDA PAULINO

UMA PROFESSORA PRÁ LÁ DE ESPECIAL UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO: ALUNO X FAMÍLIA X PROFESSORA

COLUNAS

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

- | | |
|--|-----|
| 1. PSICOPEDAGOGIA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL
Aline Lima Carvalho | 17 |
| 2. A PRÁTICA DA MOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Aline Lopes de Sousa Silva | 23 |
| 3. EJA A DISTÂNCIA: UMA JANELA QUE SE ABRE QUANDO O GOVERNO FECHA PORTAS
Ana Kátia de Souza Pessoa | 29 |
| 4. A EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE E SEUS BENEFÍCIOS SOCIAIS
Bruno Fragoso Watanabe | 39 |
| 5. AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS
Cibele Vieira dos Santos Alves | 43 |
| 6. AMPLIAR A AUTOESTIMA E DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS COM TEA
Eliane Cristina Bulgan Borges | 51 |
| 7. AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
Elisângela Oliveira Silva | 59 |
| 8. O QUE BEBÊS E CRIANÇAS FAZEM NO BERÇÁRIO
Geni Santana Cardoso | 71 |
| 9. A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO MÉDIO
Ilda Helena Domiciano Paukosk | 75 |
| 10. DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM
Ismenia Maria Pires Vaz | 81 |
| 11. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DA SALA DE AULA
Jonatas Hericos Isidro de Lima | 87 |
| 12. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR
Maria Dalva Lima de Sousa | 93 |
| 13. EXERCÍCIOS PARA CONTRIBUIR NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA SOMA DOS TERMOS DE UMA PROGRESSÃO GEOMÉTRICA NA 11ª CLASSE DO COMPLEXO ESCOLAR DO ENSINO ESPECIAL Nº 5.116 "MANUEL PEDRO PACAVIRA" DE NDALATANDO
Manuel Francisco da Silva / Delson da Conceição Miguel | 103 |
| 14. RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
MARIA GORETH BUETI NHUCA | 113 |
| 15. A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO BÁSICO
Marilene Pereira da Silva | 119 |
| 16. GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES
Maura Antônia Lima | 125 |
| 17. O OLHAR DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Patrícia Herminio da Silva | 131 |
| 18. AS HISTÓRIAS E OS CONTOS DE FADAS NO UNIVERSO INFANTIL
Silvana Trindade de Azevedo | 137 |
| 19. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR
Solange Alves Gomes Zagh | 143 |
| 20. AS TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
Vânia Regina Dias dos Reis Silva | 149 |



A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO BÁSICO

MARILENE PEREIRA DA SILVA

RESUMO

O presente artigo discute os desafios da inclusão da criança com deficiência intelectual ou física no ensino Básico. Conhecer como é o atendimento proporcionado pela instituição de ensino Básico, quais os desafios enfrentados diariamente para o que são chamadas de inclusão, como se dá esse processo, quais as adaptações da escola e formação dos professores para o desenvolvimento da prática de inclusão. Esse artigo foi estruturado em fundamentação teórica a partir do ponto de vista de pensadores que abordam assuntos referentes à deficiência intelectual, como: Rosita Edler Carvalho (2004), Maria Tereza Égler Mantoan (2008), Cláudia Werneck (1997), César Coll (2004), entre outros. Partiu-se da hipótese de que é de suma importância que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades nos requisitos educacionais, porém existem inúmeros desafios que impedem que ocorra a verdadeira inclusão. Há necessidade de uma série de suportes pedagógicos e na estrutura física do ambiente como rampas, banheiros adaptados, mobiliário adequado que garanta o desenvolvimento de habilidades e a inclusão de crianças com deficiência intelectual ou que tenham deficiências físicas. Erradicando o preconceito, por meio de uma educação que respeite as diferenças e possibilite o acesso adequado. Rosita Edler Carvalho (2004), Maria Tereza Égler Mantoan (2008), Cláudia Werneck (1997), César Coll (2004).

Palavras-chave: Acessibilidade. Desafios. Diversidade. Inclusão. Integração.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que as desigualdades são enormes e com situações sociais que causam o desconforto. Esta situação de desconforto é algo que não queremos imaginar, muitas vezes em busca de uma superação é possível conseguir uma transformação. Maria Tereza Égler Mantoan (2008), pedagoga e doutora em educação, afirma que "os termos integração e inclusão, embora tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferente e se fundamenta em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes". (MANTOAN, 2008)

Deparando com a nossa realidade temos percebido que é muito pequeno o percentual da população com deficiência intelectual que está incluída no campo da educação, da saúde, do trabalho e principalmente dos direitos sociais, deste modo fica difícil a integração se tornar uma verdadeira realidade.

O processo de integração ocorre em uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar - da classe regular de ensino especial - e em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, sala de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de uma concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados. (MANTOAN, 2008)

As pessoas jamais serão iguais, todos são diferentes em seus ritmos de aprendizagem, em sua relação com o outro e em seu modo de enfrentar o processo da vida. A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecer o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher todos os alunos nos diferentes níveis de ensino. (MANTOAN, 2008)

Peter Mittler (2008) explica que mesmo que o conceito de integração e inclusão sejam usados como sinônimos possuem significados opostos. Mittler diz que "as diferenças entre integração e inclusão não podem ser autoritariamente resumidas [...] não há justificativa para isso". O autor afirma que:

[...] a integração envolve preparar os alunos para serem colocados nas escolas regulares, o que implica um conceito de “prontidão” para transferir o aluno da escola especial para a escola regular. O aluno deve adaptar-se à escola, e não há necessariamente uma perspectiva de que a escola mudará para acomodar uma diversidade cada vez maior de alunos. A integração significa tornar as escolas regulares em escolas especiais através da transposição das melhores práticas, dos melhores professores e dos melhores equipamentos das escolas especiais para o sistema regular de ensino, mesmo quando eles não parecem não ser necessários.

A inclusão se dá através de uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamento dos alunos nas atividades em sala de aula. Ela é baseada em sistemas de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade que tem como base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o nível de aquisição educacional ou a deficiência. (MITTLER, 2008)

REFLEXÕES SOBRE A INCLUSÃO

A verdade é que as pessoas com deficiência são tão capazes quanto qualquer outra pessoa, já que todos nós apresentamos alguma limitação. Precisamos prestar mais atenção nessa parcela da sociedade para compreendermos e valorizarmos as habilidades de todas as pessoas sem julgamentos, dando-lhes a devida oportunidade de igualdade.

Muito se tem debatido sobre a questão da inclusão nos últimos tempos. Trata-se de um assunto que tem ganhado espaço no âmbito escolar, social e governamental. Para se entender o processo de inclusão é preciso entender a diversidade. Feuri (2006) apresenta o conceito de diversidade como integração de diferenças numa unidade que não as anula, mas que ativa o potencial criativo da integração entre os sujeitos e destes com seus contextos.

Tendo como referência o autor citado acima, cada ser humano possui suas características, físicas, intelectuais, emocionais etc. E é essa diversidade entre todos os humanos que faz com que cada um seja único. Para muitas pessoas é difícil aceitar alguém que é “diferente” dos demais, como “normal”. Pois o padrão da normalidade construída pela sociedade traz estereótipos e conceitos criados erroneamente no decorrer das transformações do mundo.

Carvalho (2008) menciona que numa sociedade que prima pelo padrão da “normalidade”, as pessoas com deficiência ficam em desvantagem no processo de construção de suas identidades, porque não se enquadram com o “padrão” estabelecido como ideal e são colocadas num espaço de diferenciações, segregadas. Experimentam a diferença de modo muito sofrido, porque fogem dos parâmetros convencionais. Sentem-se como alvos de crítica e de não reconhecimento, numa espécie de estranheza, porque estão fora do socialmente esperado. Segundo as palavras da autora, fica claro que a sociedade tem em sua essência uma certa repulsa a tudo o que é diferente, por esse motivo as pessoas com deficiência sofrem com a exclusão em diferentes aspectos no decorrer de suas vidas.

Da mesma forma, Carvalho (2008) afirma que a deficiência incomoda, às vezes muito, porque leva o homem a ver no outro suas próprias imperfeições, o que lhe gera sentimentos contraditórios marcados pelo desprazer. Afinal, todos preferimos evidenciar nosso lado forte e belo, sem falhas ou imperfeições. Mantoan (2005) define inclusão como nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. O processo de inclusão tem tomado espaço a passos lentos e complicados.

Mesmo imposto por leis a inclusão não é aceita por todos. Sasaki (1997) mostra que o processo de inclusão como um todo só será realizado de forma significativa quando a sociedade perceber que a inclusão contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas com necessidades. “Inclusão é o processo pelo qual a sociedade e a pessoa com deficiência procuram adaptar-se mutuamente tendo em vista a equiparação de oportunidades e, conseqüentemente, uma sociedade para todos”. (SASSAKI, 1997)

Se levássemos em conta as belas ideologias propostas através da inclusão, não haveria problemas e nem resistências ao assunto, pois como esclarece Werneck (1997) “a inclusão vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados”.

É preciso que haja entendimento, pois “a inclusão é para todos porque somos diferentes” (Werneck, 1997). O problema dos seres humanos ditos “normais” é pensarem que são seres perfeitos, daí a dificuldade de aceitar os “diferentes” incluindo-os no meio social.

A INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO BÁSICO

Apesar da intensificação das discussões a respeito da inclusão, das leis federais, estaduais e municipais que trazem regulamentações à instalação desses processos de inclusão, ainda encontramos, no cotidiano escolar, nas práticas escolares, inúmeras dificuldades e questões que devem ser resolvidas e esclarecidas (Bueno, 2009; Mittler, 2003). Na proposta teórica de educação inclusiva, nos deparamos com uma educação de boa qualidade para todos a fim de remover barreiras para a aprendizagem. Carvalho (2004) defende a ideia de que para se atingir uma educação com essas características a escola precisa:

Ressignificar as funções políticas, sociais e pedagógicas, adequando seus espaços físicos, melhorando as condições de trabalho de todos os que nela atuam, estimulando a motivação, a atualização dos conhecimentos a capacidade crítica e reflexiva, enfim, aprimorando suas ações para garantir a aprendizagem e a participação de todos, em busca de atender às necessidades de qualquer aprendiz, sem discriminações. (CARVALHO, 2004)

A autora nos mostra que a escola precisa ser reformulada para entender e atender as necessidades dos alunos, deficientes ou não, criando condições de integração e inclusão. O aluno com deficiência ainda mantém o status de quem é diferente. O fracasso escolar o acompanha e o preconceito assume sua forma mais vil: a exclusão. Analisando o contexto escolar atual, percebe-se que existem fatores que contribuem para a exclusão escolar, como por exemplo, “[...] culpabilizar o aluno pelo seu insucesso, não admitir que há fatores intrínsecos a ele e que podem gerar exclusão, negando-lhe o direito à diferença”. (CARVALHO, 2004)

Muitos educadores entendem a inclusão como uma movimentação de todos os alunos das classes ou das escolas especiais para o ensino regular, partindo do pressuposto de que a simples inserção desses alunos nas turmas regulares basta para estarem incluídos e integrados na escola construindo o saber (CARVALHO, 2004).

Todavia o processo de inclusão só acontece de fato, em sua plenitude, quando há transformação do espaço escolar a fim de trazer novos olhares para o atendimento aos alunos com deficiência. Não basta colocar o aluno dentro da escola, delegando-lhe um espaço físico dentro da sala de aula. É preciso que a escola, como instituição, viabilize formas de atendimento diversificadas. Carvalho (2004) nos esclarece essa questão afirmando que: “Para que a educação inclusiva se concretize, na plenitude de sua proposta, é indispensável que sejam identificadas e removidas barreiras conceituais, atitudinais e político-administrativas, cujas origens são múltiplas e complexas”. (CARVALHO, 2004)

Para que o processo de inclusão dê certo, tem que haver a percepção de que pessoas diferentes têm que ser tratadas de maneiras diferentes. Tratar de forma diferente, não quer dizer excluir, quer dizer criar condições adequadas para cada situação que favoreça o desenvolvimento das pessoas. “Evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes! Alunos diferentes terão oportunidades diferentes, para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos.” Werneck (1997). Uma coisa é pregar a inclusão, outra é praticá-la no dia a dia, na escola, ajustando o novo conceito às diversas realidades. Isso não significa adaptar o sistema velho para deixá-lo com cara de novo. Mantoan (2005) afirma que a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. A educadora cita que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos, já inclusão é estar com, é interagir com o outro.

A inclusão escolar surge do princípio do direito dos alunos e a concretização da prática social, todos os alunos têm o direito à educação. As escolas devem ter condições educativas, para que os alunos com deficiência recebam um ensino satisfatório.

Segundo Carvalho (2004):

Pensar na inclusão dos alunos com deficiência(s) nas classes regulares sem oferecer-lhes a ajuda e apoio de educadores que acumularam conhecimentos e experiências específicas, podendo dar suporte ao trabalho dos professores e familiares, parece-me o mesmo que fazê-los constar, seja como número e matrícula, seja como mais uma carteira na sala de aula. (CARVALHO, 2004)

A verdadeira inclusão não significa apenas fazer com que os alunos com necessidades educativas especiais estejam inseridos no ensino básico sem nenhum apoio aos professores e também aos alunos.

“A melhoria na qualidade das ofertas de atendimento educacional é uma necessidade que se impõe, para o direito público e subjetivo de cidadania dessas pessoas”. (CARVALHO, 2004)

As escolas devem estar prontas e os professores qualificados para que o processo de inclusão não se torne uma coisa dolorosa e difícil de se alcançar. “Mesmo inseridos nas classes regulares, estão como “estrangeiros” formando os já referidos “núcleos de exclusão”. (CARVALHO, 2004)

Para que isso não aconteça é necessário que o professor crie mecanismos para se integrar com os alunos, social e emocionalmente. ZYCH & UJIIE (2009), mestres em Educação, defendem a ideia de que o professor:

“[...] precisa aprender, tanto a se utilizar dos conhecimentos adquiridos em sua formação, bem como, a buscar os conhecimentos necessários à inovação e/ou adaptação da sua prática. Ele necessita estar continuamente ressignificando seu potencial cognoscitivo, para além de nutrir-se, poder e/ou saber utilizá-los, como ferramentas para enfrentar os problemas. Reconhecer que se aprende a educar melhor quando se presta atenção à criança, sendo capaz de mostrar interesse pelo seu avanço e, criar condições que a capacitem a relacionar-se. A criança precisa ser levada a pensar e interpretar o mundo que a cerca. Porém, a forma de abordagem assume um papel fundamental na definição de uma relação derivada da energia que impulsiona a busca do conhecimento como resposta à satisfação da curiosidade natural, propícia do ser humano.” (ZYCH & UJIIE, p. 04)

A escola tem que ser o reflexo da vida em sociedade. O grande ganho para todos, é viver a experiência da inclusão. Mantoan (2005) salienta que, “a inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor, que por direito ocupem os seus espaços na sociedade”.

Ainscow (2004) caracteriza a inclusão deste modo:

A agenda da educação inclusiva refere-se à superação de barreiras, à participação que pode ser experienciada por quaisquer alunos. A tendência ainda é pensar em “política de inclusão” ou educação inclusiva como dizendo respeito aos alunos com deficiência e a outros caracterizados como tendo necessidades educacionais “especiais”. Além disso, a inclusão é frequentemente vista apenas como envolvendo o movimento de alunos das escolas especiais para os contextos das escolas regulares, com a implicação de que eles estão incluídos, uma vez que fazem parte daquele contexto. Em contrapartida, eu vejo inclusão como um processo que nunca termina, pois é mais do que um simples estado de mudança, e como dependente de um desenvolvimento organizacional e pedagógico contínuo no sistema regular de ensino. Ainscow (1997).

Alcançar a inclusão ainda mostra-se uma busca, principalmente pela precariedade que muitas escolas mostram nas questões físicas e educativas, porém precisamos trazer luz a uma questão pertinente que é a Inclusão. É preciso deixar as desculpas e agir mais, com a certeza de que a inclusão não é uma utopia mas um ideal a ser construído com trabalho, vontade e disposição para mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tirar do papel. Se desejarmos uma escola verdadeiramente inclusiva, onde todos possam ter possibilidades de aprendizagem, é preciso fazer com que a inclusão escolar se torne uma realidade.

A inclusão é entendida hoje como uma possibilidade, mas ainda há um grande caminho a ser percorrido, se olharmos à nossa volta, veremos o quanto ainda temos que caminhar para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Muitas vezes excluimos com o olhar, com palavras, com ações; quantas vezes menosprezamos o outro por religião, gosto, etnia, estrutura corporal etc. A construção de uma educação inclusiva passa pelo aprimoramento das relações sociais, pela compreensão de que o verdadeiro pensamento inclusivo, onde não se categorize as pessoas por ordem de valor, valor esse atribuído através de estereótipos, estigmas, conhecimentos instituídos. Pensar inclusivamente é aprender a olhar cada aluno e buscar nela seu valor real, construído nas relações cotidianas, nos seus sonhos e expectativas e nas suas ações concretas no mundo. Mesmo com leis que assegurem a participação de todos na sociedade e no âmbito escolar, nos confrontamos com situações de simples inserção da pessoa com deficiência e não a verdadeira inclusão do ser humano com direitos e deveres como qualquer outro.

As escolas ainda possuem muitas questões que dificultam o processo de inclusão da criança com deficiência no ensino básico. Os professores necessitam de formação específica, para saber lidar

com as situações cotidianas da inclusão, mesmo já sendo formadas em Pedagogia que oferece subsídios para a realização do bom trabalho com diferentes alunos em sala de aula. A escola ainda é um ambiente formador importante para o desenvolvimento da socialização e aprendizagem, ambiente esse que precisa de modificações, se não físicas, pedagógicas. É importante salientar que as mudanças têm que partir das próprias pessoas envolvidas no processo de inclusão.

Em suma, sem que haja uma real adequação quanto aos requisitos educacionais, como suportes pedagógicos e estruturação física do ambiente escolar é impossível que a verdadeira inclusão de alunos com deficiência intelectual ocorra. Porém não se pode somente estruturar ambientes de forma satisfatória e esquecer-se de que o preconceito é uma arma muito mais poderosa do que qualquer estrutura física ou pedagógica debilitada. Fazer com que os indivíduos que constituem o ambiente escolar sejam eles professores, coordenadores ou funcionários em geral, se conscientizem quanto a uma educação inclusiva, garantindo ao aluno com necessidades especiais maior apoio e compreensão, encadeando um desenvolvimento cognitivo e social muito mais abrangente e significativo.

Sabemos, porém, que desafios de grandes escalas permeiam toda essa “tentativa” de educação inclusiva, e esses desafios tendem a aumentar quando não há apoio quanto à formação pedagógica de todos os envolvidos na educação inclusiva. Os professores encontram diversas dificuldades para o trabalho e desenvolvimento dos alunos que é foco primordial da inclusão, porém sabemos que enquanto não houver o envolvimento governamental relacionado à formação continuada dos professores e coordenadores tendo como objetivo principal a eliminação do preconceito começando de si próprios, a inclusão não passará de uma mera e virtuosa proposta que em sua grande maioria não acatam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSCOW, M., et al. **Educação inclusiva com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CARVALHO, Rosita Edler de. **A nova LDB e a educação especial**. 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2007.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer**. São Paulo: Moderna, 2005
- ZYCH & UJIE, **O Paradigma da inclusão na educação infantil: representações sociais de coordenadoras de cmei**. 2009. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2920_2072.pdf> . Acesso em: 28 Mar. 2016.
- WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva**. (4ª edição 1997)



Marilene Pereira da Silva

Licenciatura em Pedagogia Plena pela Universidade Paulista, UNIP, SP. Pós-Graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos, FCE, SP. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.





ORGANIZAÇÃO:

Andréia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Aline Lima Carvalho
Aline Lopes de Sousa Silva
Ana Kátia de Souza Pessoa
Bruno Fragoço Watanabe
Cibele Vieira dos Santos Alves
Eliane Cristina Bulgan Borges
Elisângela Oliveira Silva
Geni Santana Cardoso
Ilda Helena Domiciano Paukoski
Ismenia Maria Pires Vaz
Jonatas Hericos Isidro de Lima
Maria Dalva Lima de Sousa
Manuel F.da Silva e Delson da C. Miguel
Maria Goreth Bueti Nhuca
Marilene Pereira da Silva
Maura Antônia Lima
Patrícia Herminio da Silva
Silvana Trindade de Azevedo
Solange Alves Gomes Zaghi
Vânia Regina Dias dos Reis Silvas



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

